

Mesmo desmentido, zunzum permanece

O boato não é uma instituição exclusivamente nacional. Embora, como diz o presidente da Ancor, Fernando Carramaschi, o "brasileiro adore uma fofoca", ele não é um privilégio tupiniquim. Mesmo nos EUA, vez por outra, surge um boato. Todavia, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde pode perpetuar-se sem arrefecer, lá é desmentido ou confirmado no ato.

Luiz Augusto Monteiro de Barros, sócio-gerente da Gap Commodities — a maior corretora de ouro do País — conhece muito bem o mercado norte-americano. Ele conta que quando surge um boato na Bolsa de Valores de Nova York, a reação a ele é imediata. Depois de dez minutos, alguma autoridade do governo, da área afetada pelo rumor, que pode ser até o porta-voz da Casa Branca, trata de desmenti-lo. E, também contrariamente ao que ocorre no Brasil, todo mundo acredita — o mercado volta a operar como se nada tivesse ocorrido.

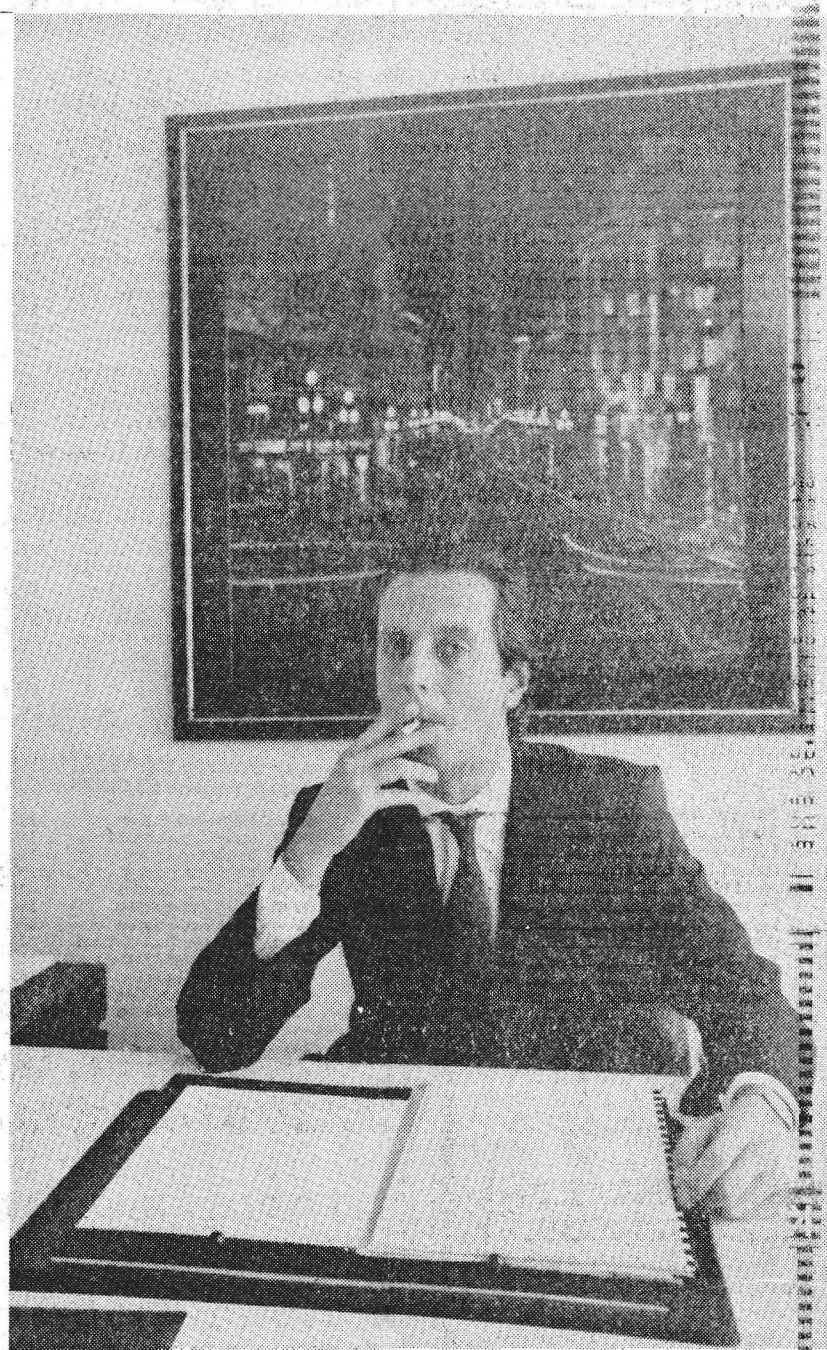
— Lá o desmentido oficial tem valor, porque a relação autoridade-mercado é diferente. Aqui, porém, tudo o que é desmentido em um dia é feito em outro — diz Monteiro de Barros.

Ele não é só este corretor que identifica na falta de credibilidade da autoridade governamental o terreno propício para a difusão dos boatos. O raciocínio que prevalece é simples: se o mercado não pode confiar na informação oficial transmitida através do discurso ministerial ou da entrevista à imprensa, ele tem de buscar a que corresponda à verdade de outras maneiras. É desta forma que surge a informação intramuros, veiculada à boca pequena, cuja confiabilidade, para o mercado, é bem maior do que a versão oficial dos fatos.

Em julho, como lembra Monteiro de Barros, as previsões oficiais da inflação do mês contidas nas entrevistas dos ministros estavam sempre um passo atrás dos próprios indicadores também oficiais, como a taxa do over e a OTN fiscal. Qualquer governo que estime uma inflação de 19% fica desmoralizado quando ela fecha o mês em 24,04%. Por isso é que o mercado financeiro sempre interpreta a fala governamental como uma manobra destinada a despistar e camuflar o caminho verdadeiro.

— O mercado tem o direito e a obrigação de obter a informação desejada. Se ela for sonegada, seu dever é batalhar por ela por outros meios — assegura Monteiro de Barros. E mesmo antes de restaurar a sua credibilidade, o que evitaria metade dos boatos, o governo poderia inclusive agir para se beneficiar deles. Exemplo: se há uma manobra altista fruto de um boato com a finalidade de elevar o preço do ouro, o governo pode vender parte dos seus estoques por um preço artificialmente alto — e depois recomprar o metal quando, esgotado o boato, os preços forem caindo. Na operação, o governo embolsaria um lucro considerável. Portanto, o governo tem meios práticos de atuar contra o boato, sem alarde e com retorno financeiro. Já que ele é o detentor da informação verdadeira, pode agir sempre no sentido correto.

Para o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo, o boato é fruto da instabilidade econômica vivida pelo País. "O governo é fraco e acaba de ser feita uma Constituição economicamente atrasada. Não há tranquilidade no País. Por isso, e também pelo fato de que é muito pequeno, a bolsa é muito sensível."



Ana Cristina Leme/AE

Barros: nos EUA, o desmentido oficial tem valor